

**UM TRANSGÊNERO NO DIVÃ:
O NOME QUE ANTECEDE AO CORPO, UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA
SOBRE O FILME “MEU NOME É RAY”**

**Nicolas Leonardo Faria Silva¹
Pedro Lúcio Duarte de Paula²
Fernanda Dupin Gaspar Faria³
Psicologia**

RESUMO

Face à invisibilidade das pessoas transgêneros e as consequências sociais e políticas da patologização das identidades trans, esta investigação tem como tema a constituição psíquica do corpo transgênero. Deste modo, objetiva apresentar, sob a égide psicanalítica, a constituição psíquica do corpo transgênero. São, portanto, seus objetivos específicos: apontar o panorama de conflitos de um sujeito transgênero elucidados no filme *Meu Nome é Ray* (2015); descrever a constituição do sujeito, segundo a psicanálise; e discorrer acerca da constituição do corpo. Para tanto, nesta pesquisa, básica, quanto à natureza, lançou-se mão de uma metodologia qualitativa. Descritiva, quanto aos fins, quanto ao meios, adotou uma Revisão Bibliográfica, um Estudo de Caso e uma Iconografia. A apresentação e discussão dos resultados foi desenvolvida a partir da Análise de Conteúdo, tal como propõe Bardin (2011). A investigação realizada permitiu, a partir da identificação de uma compatibilidade lógica entre a Teoria Psicanalítica e a Teoria Queer, apontar tanto a constituição do corpo como uma realidade psíquica quanto a arbitrariedade da patologização das identidades trans.

Palavras-Chave: Transexualidade, Teoria Queer e Psicanálise

ABSTRACT

Given the invisibility of transgender people and the social and political consequences of the pathologization of trans identities, this investigation has as its theme the psychic constitution of the transgender body. Thus, it aims to present, under the psychoanalytic aegis, the psychic constitution of the transgender body. Therefore, its specific objectives are: to point out the panorama of conflicts of a transgender subject elucidated in the film *3 Generations* (2015); describe the constitution of the subject, according to psychoanalysis; and talk about the constitution of the body. For this, in this research, basic, as to nature, a qualitative methodology was used. Descriptive, as to the ends, as to the means, it adopted a Bibliographic Review, a Case Study, and an Iconography. The presentation and discussion of the results were developed from Content Analysis, as proposed by Bardin (2011). The investigation made it possible, from the identification of logical compatibility between the Psychoanalytic Theory and the Queer Theory, to point out both the constitution of the body as a psychic reality and the arbitrariness of the pathologization of trans identities.

Keywords: Transsexuality, Queer Theory, and Psychoanalysis

1 – Graduando do curso de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida;
email: nickleonardosilva@gmail.com

2 – Psicólogo, Especialista em Filosofia e Docente da Faculdade Ciências da Vida;
email: pedrolucioduarte@yahoo.com.br

3 – Psicóloga, Mestre em Psicologia e Investigadora da Universidade de Coimbra (Portugal);
email: fernandadupin.uc@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A presente investigação tem como tema *A Constituição Psíquica do Corpo Transgênero*. Entretanto, para abordar os temas da sexualidade é necessário, inicialmente, distinguir a dimensão do sexo daquela relativa aos gêneros. Primeiramente, julga-se oportuno retomar a etimologia destes dois conceitos: sexo e gênero. A palavra sexo advém do latim *sexus* e designa a diferença anatômica entre machos e fêmeas. Já o gênero, é substantivo masculino que deriva do latim *genus* e se refere ao agrupamento de seres e objetos que possuem características comuns (HOUAISS, 1996).

Amplamente utilizados no campo das letras e da biologia, apenas em meados do século XX, a noção de gênero ganhou notoriedade no campo da sexualidade. Deste modo, diferentemente da linguística, uma compreensão sócio-histórica aponta uma outra direção. Neste outro sentido, as bases sobre as quais repousa a possibilidade de distinção entre gênero e sexo, encontram-se precisamente nos movimentos feministas. Estes, emergentes nas décadas de 60 e 70 do século XX, contribuíram enormemente para as formulações de Judith Butler, filósofa norte-americana e maior expoente da *Teoria Queer* (LOURO, 2010).

Ressalta-se que a *Teoria Queer* se refere à produção intelectual de pensadores que, no início dos anos 90 do século passado, não pouparam esforços para sistematizar uma corrente conceitual, ideológica e política fundamentada no pós-estruturalismo francês. Ao elevar o termo *queer*, sinônimo pejorativo de estranho, à identificação de uma perspectiva teórica, estes intelectuais teceram uma crítica social que culminou na defesa de uma política pós-identitária (LOURO, 2001).

Dada a sua aproximação com os estudos feministas, Butler – liderança do movimento a pouco apresentado – rechaça a suposição da unidade feminina e radicaliza o discurso ao introduzir uma denúncia quanto à arbitrária subordinação do gênero ao sexo. Em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, de 1990, a autora cria ainda as condições que permitiram a ela lançar luz sobre as relações de poder que sustentam, no campo da sexualidade, uma lógica binária (BUTLER, 1990).

Ainda de acordo com esta autora, apesar dos movimentos feministas introduzirem a noção de identidade, eles a atrelavam ao gênero e encobriam a sua subordinação ao sexo biológico. Ou seja, sustentavam uma vinculação tanto entre o feminino e a fêmea, quanto entre o masculino e o macho (BUTLER, 2010).

Em uma interlocução com a filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908/1986), Butler faz referência a uma das suas mais célebres frases e dela retoma: “A gente não nasce

mulher, torna-se mulher”. Frente à esta afirmação, Butler conclui a inexistência de uma base explicativa que sustente a compreensão da mulher como condição natural da fêmea. Ou seja, o gênero não é, portanto, uma consequência do sexo. A identidade não é, deste modo, resultado da anatomia. Trata-se, contudo, de uma construção do ser (BUTLER, 1990).

Influenciados pelas ideias de Butler, Faria, Andrade e Silva (2019), em *Educação Transviada*, apontam que a violência contra aqueles que escapam à heteronormatividade, associada à ausência de dados demográficos nacionais sobre a população trans, lança as pessoas transgêneros à invisibilidade e, por isso mesmo, vulneráveis às mais distintas mazelas. A precariedade ao acesso à direitos fundamentais e à serviços essenciais torna latente a temática dos gêneros, tanto em relação aos seus determinantes políticos quanto face às suas consequências sociais (FARIA; ANDRADE; SILVA, 2019).

Por essa razão, é justificada uma investigação acerca da constituição do corpo transgênero, sendo as suas conclusões passíveis de ampliação à querelas dos gêneros. Afinal, é notório que alguns modelos explicativos sustentam diferenças entre os gêneros através de respostas que naturalizam as relações de poder. As desigualdades explicadas por meio de formulações, tanto biologizantes quanto sociologizantes, evidenciam uma precária reflexão (SMED/BH, 2015).

Estes modelos, carentes de críticas em relação à produção da diferença, oferecem aparatos que subordinam a dimensão dos gêneros aos sexos biológicos e reduzem a problemática da sexualidade a uma questão anatômica. Ou seja, na medida em que diferentes grupos sociais se apropriam destas narrativas, eles acolhem os temas dos gêneros em uma perspectiva que, longe de promover a equidade, contribuem para a manutenção das relações de dominação (SMED/BH, 2015).

Judith Butler (1990) tece duras críticas à Psicanálise e denuncia as consequências políticas do ensino de Lacan durante as décadas de 50 e 60 do século XX que, segundo ela, contribuíram para a normatização da sexualidade. Assim, ainda que a crítica de Butler não seja coerente com os rumos desenhados pela clínica lacaniana - empreendida a partir dos anos de 1970 - a nova perspectiva de gêneros, levantada pela Teoria Queer, convoca a Psicanálise a refletir sobre a estrutura do seu conhecimento.

Portanto, parte-se da seguinte problematização: Como se opera a constituição psíquica do corpo transgênero? Face a este problema, têm-se como objetivo geral apresentar, sob a égide psicanalítica, a constituição psíquica do corpo transgênero. Nesta direção, são objetivos específicos desta investigação: (1) Apontar o panorama de conflitos de um sujeito transgênero



elucidados no filme *Meu Nome é Ray* (2015); (2) Descrever, segundo a Psicanálise, a constituição do sujeito; (3) Discorrer, sob a ótica psicanalítica, acerca da constituição do corpo.

É, sem dúvidas, a crítica política, filosófica e epistemológica da Teoria Queer que implica a Psicanálise em uma revisão de suas práticas e de seus fundamentos teóricos. Afinal, parece impossível a manutenção de uma perspectiva clínica que ignore o debate contemporâneo dos gêneros e que, portanto, não opere alguma ruptura em relação a si mesma. Segundo Porchat (2014), em *Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler*, tal como os gêneros, a psicanálise também é performativa, ou seja, se faz como ato.

Ora, se, em Butler (1990), a crítica à psicanálise se baseia na corrente estruturalista do ensino de Lacan, noção que, segunda ela, contribui para a perpetuação de relações de poder, destaca-se, porém, o caráter provisório das formulações psicanalíticas que em sua lógica performativa reinventa a si mesma e inaugura, tempos depois, a ideia do Real. Deste modo, destaca-se que, para além de diferenças teóricas e conceituais, a Teoria Queer e a Teoria Psicanalítica apresentam uma compatibilidade lógica que permite um outro debate sobre a sexualidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 MEU NOME É RAY: UMA DIALÉTICA ENTRE O NOME E O CORPO

Com o título original *3 Generations*, a produção cinematográfica norteamericana, lançada em 2015, narra o drama de um garoto transgênero e sua luta por reconhecimento. Traduzido no Brasil como *Meu Nome é Ray*, o filme chama atenção para a convocação de um nome, aspecto crucial para a discussão aqui proposta. Além deste aspecto, quanto ao seu enredo, é destacada uma problemática contemporânea que suscita reflexões acerca da sexualidade humana e sua historicidade. Ressalta-se que este tema, amplamente abordado pelo filósofo e historiador francês Michel Foucault, em *História da Sexualidade 1* (2012) – publicado originalmente em 1976 – será aqui retomado segundo o dilema dos gêneros.

Batizado como Ramona, Ray é um adolescente de 16 anos que nasceu com a anatomia de uma fêmea (sexo biológico), mas se identifica como um homem (gênero). Tal incongruência o leva a reivindicar, desde a infância, uma identidade masculina. Filho único de pais separados, Ray é rodeado por mulheres. Imerso em um universo feminino, reside com

a sua mãe, com a sua avó materna e com a companheira desta; que já viviam uma relação homossexual. É neste cenário que se desenrolam os conflitos de três gerações. Articulando dimensões individuais e coletivas, o filme evidencia aspectos da sexualidade, do desejo e dos projetos de vida de uma família em transição.

Embora a identidade de gênero de Ray fosse clamada desde a infância, foi apenas com o despertar da adolescência que o garoto obteve o apoio materno para iniciar o tratamento necessário para a adequação da imagem corporal. Assim, a cena inicial deste drama hollywoodiano retrata precisamente a consulta de Ray e sua família ao médico endocrinologista. Essa situação aponta para a exigência de que um outro autorize o sujeito a fazer as mudanças que deseja. Neste caso, além da autorização do médico, Ray precisa da autorização de seus pais para iniciar o tratamento.

Nas cenas subsequentes é possível observar que Ray, repetidas vezes, reafirma o seu nome, a sua identidade de gênero e a sua orientação sexual, aspectos frequentemente questionados por sua avó. Reduzindo, equivocadamente, a questão que ali se apresenta à problemática da orientação sexual, ela lhe propõe, como saída para os conflitos com a sexualidade, uma resposta que não passa pela identidade de gênero. Esta situação exige que o protagonista reafirme a distinção destes dois campos, mais uma vez.

Além dos entraves familiares, Ray experiencia ainda um mal estar na escola, palco de conflitos com seus pares e que marca a escassez de interações sociais. O filme demonstra tais circunstâncias nas cenas em que Ray é subjulgado, agredido verbalmente, fisicamente e não tem a sua identidade de gênero reconhecida. Além da violência, o garoto vivencia, ainda, amor não correspondido.

Empenhando-se em cuidar do corpo para adquirir uma aparência mais masculina, ele pratica atividades físicas e faz uso de outros recursos para esconder as características anatômicas que remetem ao feminino. Aprisionado em sua imagem no espelho, Ray se olha e se alegra com a prática do barbear. Contudo, as questões relativas ao reconhecimento da sua identidade, quer como performance, quer como imagem, não representam todo sofrimento vivenciado por ele. É preciso também que o garoto dê conta da sua história com o seu pai. A exigência da autorização dos pais para o início de seu tratamento faz emergir um novo conflito, já que será necessário que a mãe, Maggie, procure pelo pai de Ray, Craig, mesmo depois de anos separados e sem qualquer contato.

No primeiro reencontro, o pai – Craig – se nega a assinar o termo de consentimento. Diante desta situação, Ray decide, sem o conhecimento de sua mãe, ir até a casa dele para

confrontá-lo. Se por um lado ele deixou de exercer alguma autoridade em relação ao filho, diante de uma demanda médico-jurídica, ele pretende fazê-la. Entretanto, Ray, que já não mais depende dos seus genitores como quando era um bebê, revolta-se contra Craig e exige que ele assine os papéis necessários para o cumprimento dos trâmites legais.

Ciente da desobediência de Ray seu pai decide avisar para a sua ex-companheira, Maggie, sobre atitude do filho. A inesperada visita de Ray, faz com que ela se desloque imediatamente para reencontrar o filho, mas as coisas entre o ex-casal saem de controle. Destaca-se que é este um dos pontos mais marcantes da história de Ray. Travada uma discussão sobre o passado e quanto as razões da precoce separação da família, emerge um grande segredo.

Durante a briga, ouvida por Ray, seu pai anuncia que a mãe do garoto havia se envolvido sexualmente com o cunhado – seu irmão – resultando na gravidez de um filho que ele assumiu como seu. Assim, bastante alterado, Craig justifica a sua ausência na vida de Ray, alegando que a sua não participação deve-se ao fato de não ser o seu verdadeiro pai, mas diferentemente disso, o seu tio. Ray, atônito, ouve toda a discussão e, em meio a um ataque de fúria, grita e se debate, demonstrando enorme desapotamento e revolta perante tal descoberta.

Mas passados alguns dias, o pai biológico de Ray, Mathew, vai até a casa de Maggie e neste mesmo dia o pai legal do menino faz o mesmo, quando ambos decidem participar da vida de Ray. Ao assumirem a paternidade, Craig e Mathew decidem também apoiar o desejo do filho e assinam a autorização para o início do tratamento de redesignação de gênero.

2.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

As discussões sobre a sexualidade humana estão presentes em toda a obra freudiana. Mesmo em tempo anterior à formulação da psicanálise como novo campo de saber, Sigmund Schlomo Freud (1856 – 1939) já atribuía à vida sexual grande importância sobre a formação dos sintomas. Assim, mesmo em textos pré-psicanalíticos ele se dedicava à melhor compreensão sobre a sexualidade e suas consequências psíquicas. Deste modo, embora não tenha se dedicado ao debate das transexualidades, é possível localizar em seus trabalhos uma vasta discussão que auxilia na problematização desta temática (SOUTO, 2016).

Ao debate aqui pretendido merecem destaque os trabalhos nos quais Freud se dedica à discussão acerca da constituição do sujeito, noção presente em sua teoria desde 1897, quando em uma carta endereçada à Fliess, Freud já atribuiu à cena edípica especial importância. Trata-

se do *Rascunho N*, anexo à carta 64, de 31 de maio de 1897, quando relata ao amigo e correspondente um sonho que havia tido com a sua filha mais velha, Mathilde. A partir desta produção onírica, ele reconhece sentimentos demasiadamente afetuosos e questiona se não anunciaria ele aspectos incestuosos, edípicos (FREUD, 1897).

A perspectiva edípica ali anunciada será retomada também em suas formulações sobre *A Interpretação dos Sonhos*, texto de 1899 e publicado em 1900, bem como em *Totem e Tabu*, de 1913. Entretanto, será apenas após a formulação do conceito de *Pulsão de Morte*, em *Além do Princípio do Prazer*, trabalho de 1920, que o autor retomará o Édipo como complexo nuclear das neuroses, ressaltando, sobretudo, que não se trata apenas de um drama infantil. Finalmente, em 1924 Freud se dedicará intensamente à noção do *Complexo de Édipo*, em *Dissolução do Complexo de Édipo*.

O mito escrito por Sófocles, na Grécia em aproximadamente 427 a.c., apresenta em seu enredo um drama familiar marcado pelo amor e pela morte. Nesta peça, Édipo, o protagonista, é filho do rei de Tebas, Laios, e da rainha Jocasta. Ao saber profeticamente, em consulta a um oráculo, que o bebê mataria o pai e se casaria com a sua mãe, Laios determina a morte do filho. Édipo é, então, criado por Pólibo, rei de Corinto, e Mérope, sua rainha. Já adulto, Édipo consulta ao oráculo que lhe revela o seu destino. (SÓFOCLES, 1998)

Assustado, Édipo foge de Corinto em direção à Tebas. Porém, no caminho, encontra Laios e o mata. Ao chegar à Tebas, agora castigado pela morte do seu rei, Édipo se depara com uma Esfinge e precisa decifrar o seu enigma para avançar até a cidade. Tendo-o acertado, é autorizado a entrar em Tebas e saudado pelo povo, que lhe oferece a mão de Jocasta, sua mãe. Sem nada saber sobre a sua verdadeira genitora, Édipo e Jocasta se casam, cumprindo assim a profecia. Felizes e ignorantes quanto ao cumprimento do destino, eles se vêem arruinados quando lhes é revelada a verdade (SÓFOCLES, 1998).

Ao retomar Édipo, protagonista do mito de Sófocles, Freud alicerça uma perspectiva teórica que atribui ao outro destacada importância para a constituição do sujeito. Observa-se que Édipo é assolado por um discurso que o sentencia. A verdade sobre o sujeito, anunciada pelo oráculo, fixa o protagonista em um destino ao qual não consegue escapar. Alienado ao dito do outro, Édipo o toma como lugar da verdade. Deste modo, a proposta freudiana fundamenta-se na possibilidade de passagem pelo Édipo, momento estrutural de apropriação do sujeito em relação ao desejo (FREUD, 1924).

Segundo Moreira (2004), em *Édipo em Freud: o movimento de uma teoria*, o *Complexo de Édipo* freudiano define-se como um momento de constituição do sujeito, que resulta, simultaneamente, de um processo de identificação e da escolha de um objeto de amor.

Nesta mesma direção, Cromberg (2016), em *Os caminhos de Édipo na diversidade sexual*, afirma que o bebê, identificado com um daqueles que cumpre uma função materna ou paterna, elege o outro como objeto de amor, estabelecendo com eles uma triangulação. Este processo de identificação e conseqüente escolha de objetos é o que Freud nomeia como *Complexo de Édipo*. Seria, então, por uma via simbólica que se alicerçaria alguma possibilidade de humanização, sendo este um momento decisivo da sexuação.

Neste sentido a questão da humanização do homem, da constituição do sujeito, evidenciada também nas formulações quanto ao Complexo de Édipo, marca um debate central para a psicanálise. Nesta direção, não é possível traçar nenhuma abordagem acerca do sujeito que não o considere no campo do outro, no campo da linguagem. Esta perspectiva é radicalizada pelo psicanalista francês Jacques Marie Émile Lacan (1901 – 1981) (MILLER, 1987).

Segundo Quinet (2000), em *A Descoberta do Inconsciente: do desejo ao sintoma*, para a psicanálise, o homem, enquanto ser biológico, pertencente ao registro animal, instintivo, dirige-se ao outro em busca da satisfação de suas necessidades. É a necessidade que media a relação com o outro. O instinto e a relação com o outro em busca de satisfação de necessidades orgânicas em nada diferencia o homem dos demais animais. Por sujeito entende-se, entretanto, uma outra modalidade de relação com outro (QUINET, 2000).

Ora, mas, afinal, o que é um sujeito? Segundo a definição dos verbetes do dicionário da língua portuguesa Houaiss (1996), homem é um animal racional, bípede e mamífero que ocupa o primeiro lugar na escala zoológica. Por outro lado, sujeito é definido como indivíduo indeterminado ou de quem se omite o nome. (HOUAISS, 1996). Já para Couto e Souza (2013) o sujeito é aquele que para além da animalidade, do nível instintual, se encontra no campo da linguagem.

Por linguagem compreende-se o conjunto dos significantes, que são as representações das coisas. Assim, para Quinet (2000), a linguagem mata as coisas, ou melhor, os significantes as mata. Isso porque o acesso ao significante torna dispensável a presença dos objetos. Ainda segundo este autor, a oferta de um significante permite o estabelecimento de um jogo de ausência e presença. Afinal, na presença do significante aquilo que é ausente se torna presente.

Assim, a tentativa de organização das representações - como registro simbólico - almeja o estabelecimento de uma determinação lógica da linguagem, o que implica em um fracasso fundante. Isso porque a tentativa de organização da linguagem fracassa, não

consegue alcançar uma unidade já que faltam significantes capazes de garantir um todo-dizer. Ora, algo escapa à representação, não pode ser inscrito no registro da linguagem; não se submete à organização simbólica, o nome *disso* é Real (QUINET, 2000).

Como apontam Calazans, Gaspar e Neves (2008), em *Revisionismo, Neuropsicanálise e Fantasma*, se por um lado Freud aponta o sujeito como um ser castrado, interditado pela proibição do incesto – temática explorada a partir da noção do *Complexo de Édipo* – por outro, Lacan o apresenta como um ser de falta. Longe de estabelecerem um discurso científico que pretenda definir o que é o sujeito, a psicanálise aponta, fundamentalmente, a noção de um sujeito que escapa a toda e qualquer tentativa de apreensão (CALAZANS; GASPAS; NEVES, 2008).

Esta impossível definição anuncia a insuficiência do nome. Deste modo, qualquer nomeação é parcial e incapaz de representá-lo de forma inequívoca. Frente ao discurso científico, que pretende uma universalização, o discurso psicanalítico convoca a singularidade. Faz, portanto, retornar aquilo que foi apartado pelo cartesianismo, o sujeito. Castrado e faltoso são então dois modos distintos de nomear a impossibilidade de ser todo. Lacan, em seu trabalho de retorno à Freud, revisita os construtos do pai da psicanálise e de sua obra extrai novas consequências teóricas (CALAZANS; GASPAS; NEVES, 2008).

2.3 NOTAS SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO CORPO

As formulações freudianas quanto ao *Complexo de Édipo* marcam uma perspectiva teórica que considera a constituição do sujeito como efeito de uma inscrição simbólica e, longe de ser natural, se faz na relação com o outro. Nesta mesma direção, pode-se dizer que o nascimento do bebê não é contemporâneo à constituição do Eu. Ora, mas se quando a criança nasce ainda não há um Eu, como esse pode vir a existir? Para Freud (1914), o Eu só pode existir a partir de um ato psíquico.

Se em Freud o sujeito, em seu momento constituinte, alucina acerca de uma experiência de satisfação - alucina ter vivido um momento em que o gozo não era de modo algum barrado - e que, portanto, a satisfação era completa. Para Freud, tal experiência alucinatória de satisfação deixa no sujeito o traço da imagem mnêmica do objeto que lhe proporcionou tal satisfação. Essa experiência situada entre um momento primeiro de autoerotismo – de livre satisfação pulsional – e a possibilidade de eleição de amor de objeto, é o *Narcisismo*. O narcisismo é, portanto, um momento de organização pulsional necessária para a constituição do Eu e configura-se como o primeiro momento do Complexo de Édipo.

FREUD (1914)

Em *Introdução ao Narcisismo*, texto de 1914, Freud recorre ao mito grego de Ovídeo e, retomando a estória de Narciso, almeja a oferta de um modelo explicativo para a origem do Eu. Na mitologia, Narciso, filho de Cefiso e Liríope, era dotado de imensa beleza, mas tal dote poderia implicar em sua morte. Para manter-se vivo era necessário que Narciso jamais visse a sua imagem, já que poderia se apaixonar perdidamente por si mesmo. Assim, Narciso obedece ao interdito e garante a manutenção da vida. No entanto, atraído pela ninfa Eco, Narciso depara-se com a sua imagem refletida em um espelho d'água e nela permanece fixado, o que o leva à morte.

É precisamente o narcisismo a passagem que permite o abandono ao autoerotismo para o estabelecimento da escolha pelo outro e, portanto, a constituição de um laço social. Para Lacan, todo o movimento do sujeito é então em busca deste objeto perdido, objeto perdido desde sempre; o objeto, agora, causa do desejo. Apresentado por ele como *objeto pequeno a*, trata-se de um objeto inominável, cujo nome se omite. (MILLER, 1987)

Ora, tanto em Freud quanto em Lacan, esta fantasia de recuperação de um estado de completude deriva fundamentalmente da constatação da castração, da falta. Se o sujeito da psicanálise é compreendido enquanto emergido a partir de um recorte - se o sujeito é barrado - isso se faz em relação ao objeto que causa o desejo; o que, por sua vez, estabelece a exigência de uma relação fundamental com o Outro. É no outro, é através do outro que o sujeito buscará reexperienciar uma satisfação completa. Buscará adquirir uma unidade que nunca obteve. Lacan ao discorrer acerca deste estado alucinatório de completude retoma em Freud dois conceitos fundamentais: O Eu Ideal e o Ideal do Eu. (CALAZANS; GASPARG; NEVES, 2008)

Sendo o Eu Ideal a percepção que a criança tem de si enquanto unidade, neste momento a falta não se coloca para ela. É apenas na fase seguinte àquela que Lacan nomeia como Estádio do Espelho que a criança se depara com a falta e, por essa razão, todo o seu movimento se faz na direção da recuperação deste estado anterior, sendo este último nomeado por Freud como Ideal do Eu. (LEWKOVITCH; GRIMBERG, 2016)

Os conceitos freudianos de *Narcisismo*, *Eu Ideal* e *Ideal do Eu* são fundamentais para a construção lacaniana do *Estádio do Espelho*. Se em Freud o primeiro tempo do Complexo de Édipo é o Narcisismo, Lacan daí formula o conceito Estádio do Espelho. Assim como ocorre no Complexo de Édipo, o Estádio do Espelho também é organizado em três tempos. (FAUSTINO; FALEK, 2014)

Sendo eles:

1º Tempo: Ao deparar-se com o espelho a criança observa a sua imagem sem nela se reconhecer. Para ela, a imagem refletida é um outro, o que lhe provoca um certo estranhamento.

2º Tempo: Marcado pelo transitivismo, neste tempo a criança é tomada por uma dúvida que o impede de se situar diante da imagem. Hora o Eu está dentro, hora ele está fora do espelho.

3º Tempo: Já no terceiro e último tempo do Estádio do Espelho, a criança, enfim, constroi uma associação entre o real do corpo e a imagem refletida no espelho, de tal modo, que aquela imagem passa a representá-la. Neste tempo, de *Integração Simbólica da Imagem*, a criança percebe que ela não é a imagem, mas pode ser por ela representada.

Assim, em *O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu*, pode-se notar, portanto, a fragmentação do corpo. Sem unidade, o corpo é constituído a partir de uma organização psíquica que permite a construção, forjada, da imagem do todo. Esta imagem, representativa possui, por isso mesmo, um valor simbólico. (LACAN, 1998)

Ressalta-se, por outro lado, que esta experiência descrita por Lacan para a construção desta noção teórica não se refere exclusivamente ao objeto espelho. Trata-se, sobretudo, de uma relação especular, na qual a figura materna cumpri também a função de espelho para a criança, permitindo assim a constituição do Eu como uma unidade. Neste sentido, novamente, o Outro aparece como necessário para a integração do Eu, mas não é o lugar da verdade sobre a sujeito. (LACAN, 1998)

Ainda assim, o sujeito se aliena no desejo do Outro e identificado ao falo toma-se como capaz de garantir ao Outro aquilo que lhe falta. Este desejo de ser todo se apresenta no laço social e se sustenta na fantasia de fazer um, um todo, uma unidade. Trata-se portanto, do primeiro tempo do Complexo de Édipo, o qual antecede os dois subsequentes, a saber: a conclusão do narcisismo primário e a desconstrução do falocentrismo.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho é uma investigação de natureza básica, já que não visa a aplicação prática de um aparato conceitual. A pesquisa é ainda qualitativa quanto à sua abordagem, uma vez que não almeja uma representativa numérica, mas, diferentemente disso, uma compreensão aprofundada do tema em questão (MARCONI; LAKATOS, 2011).

Como visto em Gil (2006), os objetivos deste trabalho são compatíveis com a pesquisa descritiva, já que pretende a descrição de um fenômeno. Se quanto aos fins trata-se de uma

pesquisa descritiva, quanto ao meios lançou-se mão de três procedimentos distintos, respectivamente: uma Revisão Bibliográfica, um Estudo de Caso e uma Iconografia, sendo estes relativos aos objetivos específicos desta investigação.

Quanto ao estudo de caso, a presente investigação foi tecida em torno do drama retratado no filme *Meu Nome é Ray* (2015). Ainda segundo Gil (2006), o estudo de caso é uma modalidade amplamente utilizada no campo das ciências sociais e contribui significativamente para a compreensão dos problemas deste campo de conhecimento. Embora o estudo de caso não permita a generalização dos resultados obtidos, aqui responde diretamente à questão norteadora da pesquisa, a saber: *Como se opera a constituição psíquica do corpo transgênero?*

Já a análise dos resultados foi realizada por meio da análise de conteúdo, tal como propõe Bardin (2011). Segundo o autor, a análise de conteúdo é um método de análise de dados que caracteriza a produção de significação e deve ser realizada em duas fases. A primeira delas foi subdividida em três etapas:

A 1ª Etapa, a *Pré-Análise* dos dados: Esta etapa foi dedicada à compreensão do filme “*Meu Nome É Ray*”. Em seguida foi realizada a *Exploração do Material*. Esta segunda fase é caracterizada pela construção das operações de codificação, que consiste no trabalho de seleção de trechos do filme e recorte dos textos. As unidades de registro daí derivadas permitem o estabelecimento de correlações temáticas. Por fim, como 3ª e última etapa - da primeira fase - foi realizado o *Tratamento e Interpretação dos Resultados*. Ou seja, a inferência e a interpretação dos excertos já produzidos. (BARDIN, 2011).

Destaca-se que, na primeira fase da investigação, face ao contato com as bibliografias selecionadas, foi possível delimitar os conceitos fundamentais para a discussão. Após uma segunda leitura, formulou-se a revisão bibliográfica, identificando, assim, pontos de concordância e de divergência entre os trabalhos consultados.

A segunda fase, aquela da construção das operações de codificação, viabilizou a construção de um quadro comparativo, enquanto a terceira fase, a relativa à Análise do Conteúdo, propriamente dita, permitiu a identificação dos conteúdos contidos em ambas as bases. Deste modo, pode-se caracterizar este estudo como descritivo (BARDIN, 2011).

A comparação proposta será, portanto, apresentada em um quadro analítico e evidenciará, através do estudo de caso, a constituição psíquica do corpo transexual.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A presente investigação partiu do seguinte problema de pesquisa: Como se opera a constituição psíquica do corpo transgênero? Frente a este, foram estabelecidas três categorias, nomeadamente: (1) Sexualidade e Corpo: teoria e política; (2) O Complexo de Édipo: um momento estrutural da constituição do sujeito; (3) O Narcisismo e a Constituição do Corpo. Considera-se que tais categorias fundamentam o quadro comparativo proposto e contribuem significativamente para a sua análise. Desatca-se, portanto, a articulação entre os elementos centrais do filme *Meu Nome é Ray* (2015) e o referencial teórico, oferecido pela teoria psicanalítica e compatível com a Teoria Queer.

4.1 – SEXUALIDADE E CORPO: TEORIA E POLÍTICA

Ray, um homem trans, se constituiu como qualquer outro sujeito. Assim, recusa determinados significantes e elege outros na tentativa de se representar. Essa reorganização simbólica é endereçada ao Outro, a quem clama por reconhecimento e participação no laço social. Esta demanda, que convoca um debate não apenas teórico, mas também político, é representada pela Figura 1. Observe!



FIGURA 1 – Ray e o controle de corpos, em *Meu Nome é Ray* (2015)

Nota-se que as múltiplas identificações que o atravessam culminam na construção de uma solução sintomática, mas não patológica. Afinal, o corpo não é originariamente um problema, mas se torna um problema em função da incompatibilidade entre a representação da palavra, a imagem e a realidade psíquica.

Tal como aponta Jesus (2012), em *Orientação sobre identidade de gêneros: conceitos e termos*, a problemática dos gêneros convoca uma série de importantes debates. No campo teórico e conceitual, são discutidos: a constituição das identidades, os processos identificatórios, a articulação entre as

categorias de sexo e gênero, a psicopatologia, entre outros. A presente investigação poderia ter escolhido qualquer um destes caminhos, mas optou por aquele que lhe parece mais urgente: uma discussão fundamentalmente política.

Ora, para Porchat (2014), em *Psicanálise e Transexualismo - Desconstruindo Gêneros e Patologias com Judith Butler*, a Teoria Queer, ao colocar em xeque a epistemologia psicanalítica, mais que desqualificar um corpo teórico, questiona a posição de um grupo de intelectuais que permanecem alheios às lógicas de dominação, sustentadas e perpetuadas por certos modelos explicativos. Os modelos que subordinam os gêneros aos sexos e patologizam as transexualidades advém de discursos científicos que, longe de revelarem a verdade sobre o sujeito, corroboram para a manutenção de sistemas políticos e econômicos que se alicerçam em relações de opressão.

Tal como aponta Louro (2010), em *Pedagogias da Sexualidade*, os debates sobre a transexualidade foram historicamente marcados pela possibilidade de uma discussão diagnóstica. Se, por um lado, a Psicanálise se estabeleceu a partir de uma preocupação etiológica, por outro, isso não a implica em uma vertente patologizante. Ademais, a performatividade psicanalítica tem como consequência epistemológica a ruptura com preceitos anteriormente apresentados.

Empenhado em estabelecer a etiologia das Neuroses, Freud assume, ao longo do seu percurso teórico, diferentes direções. Neste sentido, destacam-se à discussão aqui proposta os seguintes textos: Estudos sobre a Histeria (1895), A Etiologia da Histeria (1896), Carta 64 à Fliess (1897), A Interpretação dos Sonhos (1900), Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria (1905); Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905), Totem e Tabu (1913), Introdução ao Narcisismo (1914), A Pulsão e seus Destinos (1915), O Estranho (1919), Além do Princípio do Prazer (1920), Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921), O Eu e o Isso (1923), A Organização Genital Infantil (1923), A Dissolução do Complexo de Édipo (1924), Algumas Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos (1925) e, por fim, Sobre a Sexualidade Feminina (1931).

Em *A Etiologia da Histeria*, por exemplo, Freud (1896) aborda a questão da causalidade do adoecimento psíquico segundo uma concepção que se atém à vivência de uma agressão sexual. Em sua Teoria da Sedução Traumática, a criança sofreria em seus primeiros anos de vida um abuso sexual. Posteriormente, amadurecida a sexualidade, teria desencadeado o seu adoecimento.

Percebe-se, portanto, o quanto a concepção freudiana inicial acerca da etiologia das neuroses está calcada em uma objetividade – na realidade dos fatos – e que, por sua vez,

desconsidera o sujeito e a sua posição subjetiva frente a esta objetividade. Sabe-se, no entanto, que, em momento posterior, Freud irá revisar a primazia de uma realidade objetiva em relação à realidade psíquica. Tal revisão implicará, fundamentalmente, no destaque para a realidade psíquica e sua articulação com uma dimensão fantasmática. Ou seja, não se trata da realidade dos fatos. (CALAZANS; GASPAR; NEVES, 2008)

Assim, na medida em que cai por terra a teoria da Sedução Traumática, é estabelecida a Teoria da Fantasia. Deste modo, a psicogênese das neuroses não mais está determinada pela objetividade dos fatos, mas, longe disto, está relacionada à posição subjetiva assumida pela criança em sua realidade psíquica. Desta forma, não seria possível buscar na realidade dos fatos os determinantes que desencadearam uma resposta sintomática, mas, sobretudo, a partir de uma variante discursiva. (CALAZANS; GASPAR; NEVES, 2008)

É exatamente nesta direção que se pretende abordar a problemática da transexualidade. Esta reflexão sobre a realidade elucidada pela psicanálise e que permite distinguir o dito, enquanto fato, do que o sujeito faz frente à ele, corrobora com a denúncia formalizada pela Teoria Queer e experienciada por Ray.

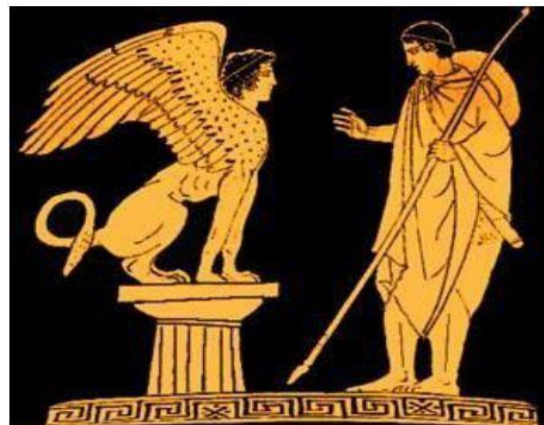
Ora, se a teoria psicanalítica é uma teoria da clínica que se dirige a um sujeito e, por isso mesmo, se refere a um campo específico, precisamente, ao campo da ética, o sujeito não pode, de modo algum, ser tomado enquanto uma objetividade. Ele se situa conforme um outro estatuto: o estatuto do discurso, tal como apontam Couto e Souza (2013) em *O estruturalismo em Jacques Lacan: da apropriação à subversão da corrente estruturalista no estabelecimento de uma teoria do sujeito do inconsciente*.

4.2 - O COMPLEXO DE ÉDIPO: UM MOMENTO ESTRUTURAL DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

O *Complexo de Édipo*, noção inaugural em Freud e vivida por Ray, em *Meu Nome é Ray* (2015), é caracterizado por seu caráter central para a constituição do sujeito e está representado pelas figuras 2a e 2b.



FIGURA 2a - O Édipo de Ray, em *Meu Nome é Ray* (2015)



Édipo e a esfinge

FIGURA 2b - Édipo e a esfinge (SÓFOCLES, 1998)

Ainda em Freud é retomada, a partir do mito grego de Édipo Rei, a importância do outro e do seu inter-dito para a constituição do sujeito. Assim como ocorre com Édipo, à Ray é negada a verdade e, ao sabê-la, ambos os personagens vêm seus destinos radicalmente modificados.

Meu Nome é Ray (2015) apresenta um drama tecido em torno de um segredo e este, por sua vez, só é revelado em função de uma reivindicação de Ray. Sem saber sobre a própria história, ignorante quanto ao desejo de sua mãe e à verdade sobre o seu pai, Ray pede uma autorização. Esta, inicialmente relacionada ao nome e ao corpo de Ray, faz emergir uma outra verdade. Para além do novo nome e corpo que clama, Ray se depara com um novo pai, ou seja, com um outro nome e corpo paterno. A solução fantasmática que Ray constrói em torno do nome convoca esse pai e faz emergir o segredo. Neste sentido, é fundamental destacar a nomeação e seus efeitos quanto à verdade.

A devastação de Ray frente a verdade sobre seus pais coloca em evidência tanto o seu desejo quanto o desejo de sua mãe. A dualidade mãe/mulher anuncia para Ray que ele não é para ela o falo. Ao vetorizar para o filho que o seu desejo não é exclusivamente em direção à ele, Maggie aponta a interdição e, assim, a necessidade de dissolução do binômio mãe-filho. Ray reexperiencia a falta que viabiliza a sua constituição enquanto sujeito de linguagem e diante do impossível de ser todo e, mais, de ser todo para o Outro, Ray é convocado a inventar uma solução.

Embora *Meu Nome é Ray* (2015) desenhe alguns dos conflitos das pessoas transgêneras, por outro lado ele aponta para certa universalidade das questões do sujeito da modernidade. Tomando os debates da sexualidade como limítrofes entre a política e a técnica, de forma inequívoca, o filme evidencia os conflitos edípiacos, as questões identitárias, a

tentativa sócio-política de controle de corpos e, sobretudo, a importância da nomeação para o estabelecimento do laço social. É notório, no decorrer deste drama, que não apenas as pessoas trans, mas qualquer sujeito, almejam serem reconhecidas e participativas do laço. A nomeação, a oferta de um lugar no laço, o engodo dos processos identificatórios e a escolha do objeto de amor é, por isso mesmo, central na discussão aqui pretendida.

A interdição, já trabalhada por Freud, é recuperada por Lacan em suas conceitualizações sobre a linguagem e radicalizada, tempos depois, com as suas formulações sobre os registros simbólico, imaginário e real. Tal como anuncia Miller (1987) – em *Lacan Elucidado* – o real em psicanálise não é a verdade; o real é, sobretudo, o inomeável, aquilo sobre o qual é impossível dizer. Assim também é o sujeito e, por isso, qualquer tentativa de apreensão simbólica sobre ele está fadada a certo fracasso. Quanto ao sujeito há algo que escapa à representação e, deste modo, o nome, ainda que necessário, será sempre insuficiente. Esta concepção merece aqui destaque.

4.3 – O NARCISISMO E A CONSTITUIÇÃO DO CORPO

Observa-se que o protagonista de *Meu Nome é Ray* (2015) reivindica as palavras – os significantes – homem e Ray em tempos anteriores à alteração da sua imagem corporal. Ou seja, tal como aponta a teoria psicanalítica, o nome antecede ao corpo. A constituição psíquica do corpo, a partir da organização de uma imagem unificada, pode ser observada nas Figuras 3a e 3b:



FIGURA 3a – O espelho de Ray, em *Meu Nome é Ray* (2015)

FIGURA 3b- Narciso (CARAVAGGIO, 1599)

As figuras acima evidenciam que a constituição do sujeito pode ser explicada como a atribuição de um nome que permite a constituição da imagem de um corpo unificado. É precisamente esta ideia, expressa no conceito lacaniano de *Estádio do Espelho* – derivada da

ideia freudiana *de Narcisismo* – que permite uma reflexão acerca da constituição psíquica do corpo transgênero e neste sentido merece ser destacada a noção psicanalítica de nomeação. Afinal, a tomar por seu título, o filme evidencia que mais importante que a modificação do corpo é o nome que a ele se atribui.

Ora! Uma vez que é a nomeação que viabiliza a constituição da imagem, a consciência de corpo experienciada por Ray revela não apenas o reconhecimento da sua anatomia mas, sobretudo, o seu desejo por reconhecimento. Afinal, como aponta Dowbor (2008), em *Quem educa marca o corpo do outro*, embora à Ray tenha sido ofertado um nome, ele o renuncia e exige um outro mais adequado ao seu desejo.

A relação especular entre Ray e a sua mãe permite a organização de uma imagem que o faz interrogar sobre si. Embora o nome seja necessário para a constituição do sujeito – sem o qual não é possível a sua organização psíquica – por outro lado ele é sempre mal-dito. Neste processo de alienação e separação ao desejo do Outro, Ray exige a substituição do nome e anuncia a inadequação da imagem refletida no espelho. Deste modo, a necessidade de adequação da imagem corporal é entendida aqui como uma operação corretiva, uma vez que visa uma reparação. Estritamente neste sentido, pode-se estabelecer uma correlação entre a experiência de Ray e os conceitos freudianos de *Eu Ideal* e *Ideal do Eu*.

A relação de Ray com o espelho, tal como propõe conceitualmente a teoria lacaniana, aponta que há algo do conflito que não se corrige, não se adequa. Este desajuste, tomado aqui a partir da impossibilidade de ser todo, só alcança alguma possibilidade de reparação em função da nomeação. É ele, o nome, que permite à Ray uma invenção singular e o estabelecimento de um laço social; em última análise, que permite a sua existência. É esta a aposta de Ray quando ele planeja se mudar de casa e da escola. Ou seja, seria precisamente um outro nome que, atrelado a um novo corpo, viabilizaria uma vida possível.

Alienado ao discurso do Outro, Ray precisa dele se separar para assim se constituir como outro, como alteridade, como sujeito de desejo. O que o aparato conceitual psicanalítico anuncia é precisamente a ideia de que não há nenhum nome, ou categoria, capaz de assegurar ao sujeito uma identificação inequívoca. Afinal, os nomes Ramona, menina, ela, lésbica são incapazes de dizer toda a verdade sobre esse sujeito. Mas, também Ray, menino, hétero serão insuficientes, embora deles não se possa abrir mão. Ainda que parciais e insuficientes, eles são fundamentais para a constituição do sujeito. Neste sentido, ressalta-se a legitimidade da luta trans e a importância tanto do nome quanto da readequação da imagem corporal para estes sujeitos.



Ora! Observa-se, já em Freud, com a sua Teoria da Fantasia, uma reflexão sobre o que é a realidade e a importância da realidade psíquica sobre os fatos. Esta perspectiva teórica permite, ainda, a interrogação sobre a primazia dos gêneros aos sexos, tal como faz Butler em sua vertente teórica. Assim, retoma-se a questão inicial da discussão aqui proposta: uma dimensão identitária estaria subordinada à anatomia? Constata-se, tanto a partir da Teoria Queer quanto da Teoria Psicanalítica, categoricamente, que não. Afinal, a noção de uma feminilidade construída, como aponta Simone de Beauvoir, e retomada por Butler, com a ideia de performatividade de gêneros, é absolutamente compatível com estes preceitos psicanalíticos. Por isso mesmo, ambas permitem alguma compreensão sobre a experiência de Ray.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O destaque das discussões de gênero no debate mundial amplia proporcionalmente as tensões entre os diferentes sistemas explicativos para a constituição de homens e mulheres. Afinal, o que faz de alguém um homem ou uma mulher? Esta indagação, aparentemente óbvia, não é de modo algum inequívoca. Segundo as *Diretrizes da Educação para as Relações de Gênero da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte*, coordenada pela equipe do Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual da Gerência de Articulação da Política Educacional, sob a assessoria da Professora Doutora Maria Ignez Costa Moreira, a socialização jamais é um processo neutro. Isso quer dizer que a ausência de neutralidade implica, necessariamente, em assumir uma posição política. Esta, por sua vez, poderá tanto reafirmar lógicas históricas de dominação, quanto fundamentar reflexões capazes de transformá-las em potentes relações de cooperação (SMED/BH, 2015).

Considera-se que a Teoria Queer anuncia uma denúncia absolutamente necessária e de forma contundente convoca a teoria psicanalítica a revisar não apenas a sua teoria, mas, sobretudo, a sua prática. Ora, se a perspectiva Queer desvela a lógica de poder mantida pelo binarismo homem e mulher e suas consequências para a perpetuação do patriarcado, a Psicanálise aponta como saída a singularidade e não a subordinação à novos modelos identificatórios. Sem banalizar a luta das pessoas transgêneros, ela ressalva que nenhum significativo - homem, mulher, homem-cis, homem-trans, mulher-cis, mulher-trans, hetero, homo, bi, pan - garantirá qualquer verdade sobre o sujeito.

Nesta direção, a presente investigação aposta na possibilidade de articulação entre estas duas correntes teóricas distintas e disjuntas, visto que, como bem definiu Miller (1987),

em *O Método Psicanalítico*, a psicanálise é, fundamentalmente uma ética: a ética do desejo. Assim, diante deste compromisso ético, para que sejam assegurados à todos os direitos fundamentais, ainda que eles não sejam alcançados em sua plenitude e que resistam os microfascismos, é um dever comum a busca contínua pela promoção de relações igualitárias, justas, solidárias e democráticas.

Face a este debate, esta pesquisa se limitou à problematização quanto à constituição do corpo transgênero e não pretende a universalização do seus achados. Ressalta-se também que não foi tema desta investigação uma discussão acerca das orientações sexuais. Como sugestão para futuros trabalhos, é proposto o desenvolvimento de novas investigações que, adotando uma metodologia participativa, permita a articulação entre a comunidade acadêmica e a população trans, historicamente invisibilizada, marginalizada e epistemologicamente desqualificada.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edição 70. 2011.

BELO HORIZONTE. **Diretrizes da Educação para as Relações de Gênero da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte**. Secretaria Municipal de Educação. Belo Horizonte: SMED/BH, 2015. Disponível em: http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20150423150543.pdf> Acesso em: 14 ago. 2019.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

BUTLER, J. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 151-172.

CALAZANS, R., GASPAR, F.D., NEVES, T.I. **Revisionismo, neuropsicanálise e fantasma. aSEPHallus**. Rio de Janeiro: Ed. Sephora, v. 3, n.5, p. 49-61, 2008. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_05/pdf/artigo_06.pdf. Acesso em 14 out. 2019.

CARAVAGGIO, M. M.. **Narciso**. 1597-1599. Original de arte, óleo sobre tela, 113,3 x 94 cm. Galeria Nacional de Arte Antiga, Palazzo Barberini, Roma, Itália. Recuperado de: <http://www.arteeartistas.com.br/narcisodecaravaggio>. Acesso em 20 abr. 2020.

COUTO, L. F. S.; SOUZA, M. F. G. de. **O estruturalismo em Jacques Lacan: da apropriação à subversão da corrente estruturalista no estabelecimento de uma teoria do sujeito do inconsciente**. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 185-200, Dez. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982013000200001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 de maio. 2020.



CROMBERG, R. U. Os caminhos de Édipo na diversidade sexual. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 8, n.2, p. 143-155, dez. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217648912016000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 jun. 2020.

DOWBOR, F. F. **Quem educa marca o corpo do outro**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

FARIA, F. D. G., ANDRADE, L. F.; SILVA, N.L.F. Educação Transviada. In: DÍAZ, J. M. H.; POZZER, A.; CECCHETTI, E. (coord.). **MIGRACIÓN, INTERCULTURALIDAD Y EDUCACIÓN: impactos y desafios**, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2019. p. 533-554.

FAUSTINO, D. D.; FALEK, J. A originalidade e a origem do estádio do espelho em Lacan. **Estilos clin.**, São Paulo, v.19, n.3, p.465-481, dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571282014000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 jun. 2020.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 22ª impressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.

FREUD, S. **Estudos sobre a Histeria (1893-1895)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v.II

_____. A Etiologia da Histeria (1896). In: **Estudos sobre a Histeria (1893-1895)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v.II. p.111- 132.

_____. Carta 64 à Fliess (1897). In: **Publicações pré-Psicanalíticas e esboços inéditos (1886- 1889)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v.I. p.190

_____. **A Interpretação dos Sonhos (1900)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v.IV

_____. Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria (1905[1901]). In: **Um Caso de Histeria, Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade e Outros Trabalhos (1901-1905)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v.VII. p.2- 75.

_____. Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905). In: **Um Caso de Histeria, Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade e Outros Trabalhos (1901-1905)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v.VII. p.76-139.

_____. **Totem e Tabu (1913-1914)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v.XIII.

_____. Introdução ao Narcisismo (1914). In: **Introdução ao Narcisismo, Ensaios de**



Metapsicologia e Outros Textos (1914-1916). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v.XII.

_____. A Pulsão e seus Destinos (1915). In: **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v.XIV. p.67-84.

_____. O Estranho (1919). In: **História de uma neurose infantil e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v.XVII. p.137-162.

_____. Além do Princípio do Prazer (1920). In: **Além Do Princípio Do Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos (1920-1922)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v.XVIII.p.3-42.

_____. Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921). In: **Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos (1920-1922)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v.XVIII p.43-90.

_____. O Eu e o Isso (1923). In: **O Eu E O Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v.XVIII p.3-42.

_____. A Organização Genital Infantil (1923). In: **O Eu E O Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v.XIX p.83-87.

_____. A Dissolução do Complexo de Édipo (1924). In: **O Eu E O Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v.XIX p.101-106

_____. Algumas Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos (1925). In: **O Eu E O Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v.XIX p.144-154.

_____. Sobre a Sexualidade Feminina. In: **O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v. XXI. p.231-251.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas Editora, 2006.

HOUAISS, A. **Novo Dicionário Folha Webster’s: inglês/português, português/inglês**. Co-editor Ismael Cardim. São Paulo: Folha da Manhã, 1996. Edição Exclusiva para o assinante da Folha de São Paulo.

JESUS, J. G. **Orientação sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2ª ed. - revista e ampliada. Fundação Biblioteca Nacional. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.diversidadese sexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2019.

- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan, **Escritos** (pp.96- 103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1998
- LEWKOVITCH, A. D. P.; GRIMBERG, A. B. de F. R. A atualidade dos conceitos freudianos de eu ideal, Ideal do eu e supereu. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 16, n. spe, p. 1189-1198, dez. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812016000400008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 abril. 2020.
- LOURO, G. L. Teoria Queer: Uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.9, n.2, p. 541-553, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?scrip=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200012&Ing=en&nrm=iso. Acesso em: 12 set. 2019.
- LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. *et al.* (Orgs.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 7-34.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 6º Ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MEU NOME É RAY. Direção: Gaby Dellal, Produção: Marc Turtletaub. Estados Unidos: The Weinstein Company, 2015. 92 min, Idioma inglês, Legendado, Cor.
- MILLER, J-A. O Método Psicanalítico. In: Miller, J-A. **Lacan elucidado: palestras no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1987. p. 221-284.
- MOREIRA, J. de O. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 9, n. 2, p. 219-227, Ago. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722004000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 de maio. 2020.
- PORCHAT, P. **Psicanálise e Transexualismo** - Desconstruindo Gêneros e Patologias com Judith Butler. Curitiba: Biblioteca Juruá de Práxis Psicanalítica, 2014.
- QUINET, A. **A Descoberta do Inconsciente: do desejo ao sintoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- SÓFOCLES, **Édipo Rei**. Porto Alegre, L&PM Editora. 1998.
- SOUTO, J. B. et al. As vias da transexualidade sob a luz da psicanálise. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 34, p. 187-206, jun. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-2952016000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 de maio. 2020.